

Jazz

13 de novembro 2013

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

Kaja Draksler

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Qua 13 de novembro
21h30 · Pequeno Auditório
Duração: 1h · M3

Piano Kaja Draksler

Uma hora das nossas vidas

Em tempos que já lá vão, era difícil a qualquer especial talento da música de um país periférico ultrapassar as fronteiras em que nascia e descobrir o mundo, mas esse cenário parece definitivamente ultrapassado. Não só devido ao caráter unificador da Internet e dos atuais sistemas de comunicação, mas porque algo de substancial mudou nas atitudes do público, da crítica, das entidades de programação cultural e, em última análise, dos próprios músicos, que já não se satisfazem com conquistar um lugar ao sol no seu próprio contexto nacional.

Hoje, pensa-se globalmente e age-se em concordância, e é por isso que agora se apresenta em Lisboa um notável valor em afirmação do jazz e da música improvisada da Eslovénia: Kaja

Draksler. O nome é, muito provavelmente, ainda desconhecido da maior parte dos melómanos da cidade, mas aí está a jovem pianista com toda a força dos seus argumentos. E a solo, a mais arriscada das situações de concerto, sem outras garantias senão a sua própria – e enorme, acreditem – musicalidade. Com um disco a acompanhar esta muito bem-vinda revelação, lançado pela portuguesa Clean Feed: *The Lives of Many Others*.

Com sólida formação clássica e um trajeto surpreendente, para a sua idade, enquanto improvisadora e compositora, Draksler apresenta como particularidade ter feito o seu mestrado com uma tese sobre um tema particularmente difícil: as estruturas internas das improvisações de Cecil Taylor. Uma das referências maiores do seu estilo pessoal, se bem que ainda esteja em processo...

«Sou um aprendiz lento, pelo que tudo o que estudo necessita de alguma maturação para sedimentar. Não sou daquele tipo de músicos que incluem imediatamente o conhecimento adquirido no seu trabalho. Deixo que a coisa seja digerida até surgir da maneira com que tem de surgir. Foi incrivelmente inspirador ler as entrevistas de Cecil e os seus poemas, bem como ver os documentários realizados sobre ele e os filmes em que surge a tocar e a falar. A sua integridade artística, a sua devoção e o seu estilo de vida único terão até sido para mim mais influentes do que as notas que toca. Estas, para já, abriram-me novas possibilidades. Por exemplo, os seus contramovimentos e a forma como gera texturas...», comenta.

É de prever, no entanto, que essa influência tayloriana nunca venha a ser óbvia, não só porque na música de Kaja Draksler nada é estereotipado, mas igualmente devido à maneira como esta “ataca” o teclado, preferindo as subtilezas, os detalhes e uma gestão dos silêncios que contrasta com a imponência masculina dos acordes cerrados daquela luminária do *free jazz*. Nesse aspeto, a eslovena admite que a sua música tem uma identidade feminina: «Nunca pensei muito nisso, mas é provável. Quando toco em grupo, procuro ajustar-me aos outros e verificar como posso contribuir para a música, seja de que maneira for. E o certo é que não aprecio aquelas abordagens de pedal, muito floridas, que podem ser consideradas “femininas”. Gosto de ritmo e de *groove*, mas tenho um limite de testosterona (risos).»

Já a referenciação no tipo de fraseado quebrado e não-linear de Thelonious Monk é um dado pacífico no pianismo de Kaja Draksler: «A marca que ele deixou em mim é imensa. É o meu pianista e compositor favorito. O modo como construía os solos era indubitavelmente o de um compositor, além de ter um toque singular e uma escrita de luxo. Vindo da linhagem de James P. Johnson e Duke Ellington, Monk é, de resto, uma das principais influências de Cecil Taylor. Enfim, acho que influenciou todos os pianistas de jazz.»

Do seu lado “erudito” alguns elementos também se fazem sentir: «Sempre quis ser intérprete de música clássica, mas não tenho a disciplina suficiente. Seja como for, é com compositores

dessa área que pratico o piano, como Bach, Beethoven, Brahms, Schumann, Messiaen, Ligeti... o que estiver ao meu alcance. Suponho que esse treino tem ajudado as minhas mãos a desenvolver as técnicas diversas que utilizo. Não desenvolvi um conceito sobre isto, mas com certeza que existem influências clássicas nas minhas opções improvisacionais e de composição», esclarece.

Importante para a evolução de Draksler foi uma estadia em Nova Iorque para estudar em privado com dois dos seus maiores pianistas, Vijay Iyer e Jason Moran. «São ambos músicos generosos e continuamos em contacto. Conhecem bem a história do instrumento e tenho aprendido bastante conversando com eles, ouvindo-os e verificando como usam essa informação nas suas músicas. Também me sinto influenciada pelos seus estilos e pelos tipos de abordagem de grupo que fazem. Um exemplo é a maneira de Vijay tocar as linhas segundo o que chama de “lógica mano-centrada”, bem como a sua utilização do contraponto rítmico. Foi o meu mentor na investigação em torno de Cecil Taylor, o que só posso entender como um privilégio. A sensibilidade de grupo do Jason é igualmente inspiradora, bem como a sua abertura à integração de uma variedade de estilos.»

Reflete-se tal na própria abertura de Draksler a sonoridades outras, como transparece, de resto, no seu Acropolis Quintet, que recorre a materiais do folclore turco. «Estes motivos étnicos emergiram de uma forma muito orgânica. Estudei em Gronigen com muitos talentosos estudantes de várias origens

e interessei-me pelas formas musicais dos seus países, o que resultou em gravações com a minha Katarchestra, que entretanto deixou de existir, e com o Acropolis. Não tenho trabalhado muito, ultimamente, com músicas folclóricas, mas incluo uma canção tradicional eslovena no meu repertório a solo. Sinto-me muito ligada a ela; conheço a letra e compreendo a emoção», sustenta.

A escrita, e inclusive para encomendas de música contemporânea, ocupa uma boa parte da agenda de Kaja Draksler, que não concorda com a opinião professada por Gavin Bryars, compositor vindo de um passado na improvisação, de que a música composta é necessariamente mais complexa do que a improvisada. «Podem ambas ser complexas ou simples. A improvisação contém um muito particular parâmetro de individualismo e, com frequência, uma variedade de tempos e *grooves* pessoais que são bastante complexos. Na composição é possível conseguir texturas intrincadas, formas irregulares e uma vasta paleta de cores... O que, de qualquer modo, também é atingível improvisando. Tanto compor como improvisar são igualmente difíceis de fazer bem.»

Evidente se torna que a teclista não tem preferência por nenhuma das situações. Igualmente indiferente é-lhe a dicotomia *mainstream*/vanguarda em vigor no campo do jazz. «Conheci artistas tão inspiradores de ambas as cenas que é impossível para mim ignorar seja quem for. Aliás, prefiro desafiar-me a mim mesma com diferentes, e por vezes até desconfortáveis, situações, pois

isso ajuda-me a entender como quero tocar», argumenta.

O que quer dizer que não acredita num “verdadeiro jazz”: «Não há duas pessoas que concordem com o que quer dizer exatamente “jazz verdadeiro”, seja referindo-se àquilo que existe ou àquilo que acham que deveria existir. Não me preocupa que digam que a minha música não é jazz, assim como não faço questão que a rotulem como tal. Ainda assim, é certo que venho da tradição do jazz, pois na maior parte da minha vida ouvi música que foi concebida na América por negros em ambientes duros e em bares. Tenho, no entanto, consciência de que cresci na Europa branca, e designadamente numa aldeia de 500 habitantes da Eslovénia, com florestas a rodearem a minha casa. Essas influências contraditórias determinam as minhas escolhas estéticas.»

A fórmula do solo absoluto é uma novidade no percurso de Kaja Draksler, e surge como um investimento que a sua habitual dedicação a *big bands* e orquestras (Metropole Orchestra, Orquestra Filarmónica Eslovena, European Movement Jazz Orchestra e outras) não fazia prever. Foi, aliás, nesse enquadramento que encontrou outro dos seus mestres, Vince Mendoza, que considera um «orquestrador muito prático e eficiente» e com quem bastante aprendeu. Curiosamente, não considera que o caminho seja tão distinto assim...

«É diferente ao nível performático, evidentemente, até por ser mais exigente, mas não é o tanto em termos de preparação e composição. A ideia de tocar a solo não veio de mim, mas de

Bogdan Benigar, que com Pedro Costa, da Clean Feed, organiza e programa o Festival de Jazz de Liubliana. Ambos acreditaram e confiaram em mim, do que resultou o meu álbum a solo gravado naquele evento. Estou-lhes muito agradecida pela experiência, pois estou agora mais ciente do que quero que a minha música soe e estou mais certa quanto à direção para onde pretendo ir», afirma.

Entretanto, continua com os seus projetos coletivos, designadamente o já referido Acropolis Quintet e a BadBooshBand. O primeiro surgiu como um quarteto com George Dumitriu, Goran Krmac e Kristijan Krajncan na altura em que Kaja Draksler estudava em Groningen, na Holanda. Depois, entrou a cantora Sanem Kalfa, Mattia Magatelli substituiu Krmac e o grupo começou a adaptar tradicionais turcos. «Agora estamos de novo a tocar originais meus e de outros membros da banda. O que nos torna especiais é funcionar-mos como uma família. Partilhámos casa em múltiplas ocasiões e todos gostamos de cozinhar e de discutir receitas. Tocamos juntos há muito tempo, pelo que tudo o que fazemos acontece naturalmente», ficam a saber.

Se o Acropolis cresceu de quatro para cinco elementos, a BadBooshBand começou por ser um quarteto para se tornar um trio, e logo depois da primeira digressão. Trata-se do típico triângulo de piano jazz, com Magatelli de novo no elenco e com Luca Marini. Todos compõem e todos colideram esta formação que terá o seu CD de estreia no início do próximo ano. «Adoro a liberdade e a flexibilidade desta banda

em que estou sempre a ser surpreendida pelas escolhas feitas pelo Mattia e pelo Luca. Ao contrário do quinteto, que é mais composicional, o trio lida com materiais em bruto que podem ser moldados de múltiplas maneiras, havendo muito lugar para a improvisação nos temas», adianta.

No esforço de internacionalização da pianista não é esta a primeira vez que Kaja Draksler encontra Portugal. Enquanto membro da European Movement Jazz Orchestra trabalha com alguns músicos portugueses, o que lhe abriu a porta para uma colaboração com a trompetista Susana Santos Silva. «Já estou familiarizada com a cena do Porto, onde fui algumas vezes para tocar precisamente com ela. Admiro os esforços dos músicos portugueses, que são maravilhosamente devotados e unidos. Têm o belo Festival Porta-Jazz e a Orquestra Jazz de Matosinhos. De todas as vezes que lá me apresentei senti também uma grande energia da parte da audiência, que é sensível e recetiva», diz.

Dessa parceria com Susana Santos Silva sairá brevemente outro disco “português” e mais concertos neste lado da Europa: «Adoro tocar com ela; dá-me espaço e ideias para poder trabalhar, além de que dispõe de um som belíssimo e é uma pessoa fantástica.» Mas isso depois se comprovará. Para já, atentemos no seu piano solitário, que bem merece darmos-lhe uma hora das nossas vidas.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta, editor da revista online jazz.pt

Kaja Draksler

Kaja Draksler nasceu em Kranj, na Eslovénia, em 1987. É pianista e compositora.

Terminou em 2005 os seus estudos na Escola Secundária de Música (departamento de jazz) e no *Gymnasium* (escola preparatória para a entrada na Universidade) Diocesano Clássico, em Liubliana. Estudou piano jazz durante um semestre de 2008 no Purchase Collage, em Nova Iorque, e em junho de 2009 obteve o bacharelato em piano jazz com menção honrosa no Conservatório Prince Claus em Groningen, na Holanda. Concluiu recentemente o mestrado em composição clássica no Conservatório de Amsterdão. Para os seus estudos nos Países Baixos contou com o apoio da prestigiosa bolsa HSP Hyugens Scholarship.

Em 2007 lançou o primeiro CD com o grupo Katarchestra (apresentando-se como compositora e maestrina). Nesse mesmo ano compôs um concerto para acordeão e orquestra intitulado *Orpheus and Eurydice*, gravado e interpretado por Janez Dovic e a Orquestra Filarmónica da Eslovénia.

Desde 2007 que trabalha com a European Movement Jazz Orchestra (álbum de estreia com a Clean Feed Records em outubro de 2011 – *Live in Coimbra*), para a qual foi convidada para compor.

No verão de 2008 lançou o segundo álbum *Akropola*, apresentando composições originais com o seu quarteto. Em abril de 2009 ganhou o prestigioso

Deloitte Jazz Award, tendo também nessa altura trabalhado com Vince Mendoza e a Metropole Orchestra. Ainda em novembro desse ano saiu o seu terceiro álbum como líder com o Acropolis Quartet e a convidada Sanem Kalfa: *Türkü*.

Entre setembro e dezembro de 2009 viveu em Nova Iorque, onde recebeu lições particulares de Vijay Iyer de Jason Moran. Em 2010 estreou, enquanto pianista e compositora, o Concerto para piano e o agrupamento Katarchestra intitulado *Perseus*. No ano seguinte, o Quarteto Acropolis foi selecionado como um dos três melhores grupos europeus pelo programa *12 Points! Plus*. O seu primeiro CD a solo *The Lives of Many Others* foi lançado em outubro de 2013 pela Clean Feed Records.

É líder do Acropolis Quintet, fundadora da BadBooshBand, e membro ativo da European Movement Jazz Orchestra (EMJO) e Kasu. Foi convidada para compor para a Orquestra Filarmónica da Eslovénia, Metropole Orchestra, EMJO, Looptail, Big Band RTV Slovenia, Italian Instabile Orchestra, Romana Krajncan, Jararaja e Janez Dovic, entre outras. Já atuou em países como a Eslovénia, Itália, França, Alemanha, Áustria, Bélgica, Roménia, Holanda, Croácia, Macedónia, Espanha, Suíça, Turquia, Portugal, Estónia, Noruega, Irlanda, Egito e Estados Unidos da América.

Próximo espetáculo

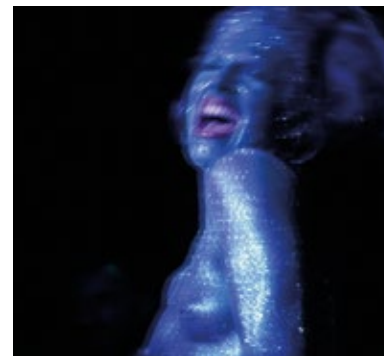
Tsunamismo (título provisório)

Um solo de
Elizabete Francisca

Dança Sex 22, sáb 23 novembro

Pequeno Auditório · 21h30

Duração aproximada: 40 min · M12



Direção artística Elizabete Francisca **Interpretação** Elizabete Francisca **Colaboração artística** Rita Natálio **Caracterização e registo vídeo** António Mv **Desenho de luz** Carlos Ramos **Produção** O Rumo do Fumo **Coprodução** Culturgest **Apoio de estúdio/residência** Residências ON/OFF inserido na Capital Europeia da Cultura Guimarães, AZEITE-Tojeira, Culturgest **Agradecimentos** Jorge Bragada, a equipa do -mente, Marianne Baillot, Helena Serra, André Soares, Teresa Silva e Antonia Buresi

MeeëCatrapunpinupharrx rixi oééé com os dentes todos, besta redonda de duas pernas valhum au tom desconcertante de gargantas oleadas e poemas presos à desgarrada. Já dizia o antigo que a carroça não vai à frente de quem puxa. Acariciar os pensamentos a contra-pêlo, acalmar a ecolalia de movimentos iguais,,,,, uns atrás dos outros. Chamar as coisas pelos nomes. Corpo carne, órgãos, fluidos e secreções.

Dentro e fora ----- profundo ardente, aparência de pedra ai. camada de pele abre como em banho de água quente. Raum tumpum trampolim para o estático. Imagem de corpo que existe, parques interiores e cérebros exteriores em redemoinhos de violência e ternura. Contos de seres vibráteis e de rosas amargas. Percalços necessários: para um corpo vivo há que mantê-lo numa rede de paradoxos.

Elizabete Francisca
(Elizabete Francisca escreve de acordo com a antiga ortografia)

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiária:

Teresa Vaz

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Graça Fonseca

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Inês Hipólito

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
